

---

## O comentarista esportivo no rádio de Porto Alegre: estilos, tendências e novos conceitos na fase de convergência<sup>1</sup>

Carlos Gustavo Soeiro GUIMARÃES<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### RESUMO

O artigo pretende desenvolver uma proposta conceitual para o comentarista esportivo de rádio em Porto Alegre a partir de efeitos gerados pela cultura da convergência (JENKINS, 2008). Com base teórica fundamentada a partir da Economia Política da Comunicação (MOSCO, 1996), tem como objetivo identificar novos modelos existentes entre os comentaristas esportivos e estabelecer uma categorização destes profissionais, de acordo com a metodologia proposta por Bardin (2011). Além de apresentar essa divisão por características dos comentaristas, tem-se, ainda, como finalidade, introduzir um novo conceito para esta figura-chave presente nas transmissões esportivas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rádio esportivo; Comentário esportivo; Jornalismo esportivo; Economia política da Comunicação; Convergência.

A figura do comentarista esportivo em uma transmissão radiofônica é fundamental. Via de regra, ele é o profissional que tem como finalidade opinar, analisar e ressaltar os acontecimentos do jogo sob uma perspectiva pessoal. Ele é, a rigor, o elemento de opinião na jornada esportiva. Entretanto, com as alterações geradas através dos tempos, sob os prismas sociais, políticos, econômicos e, especialmente, tecnológicos, o papel do comentarista esportivo também sofreu alterações. Com a força da Internet e das redes sociais, ele naturalmente passou a absorver conteúdos que são gerados a partir da cultura da convergência (JENKINS, 2008) e, assim, passou a adotar novas práticas nestas transmissões.

Este novo modelo foi analisado na dissertação *O comentário esportivo contemporâneo no rádio de Porto Alegre: uma análise das novas práticas profissionais na fase de convergência* (GUIMARÃES, 2018)<sup>3</sup>, que obteve como resultado a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação, Artes e Design (FAMECOS) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), integrante do Núcleo de Estudos de Rádio (NER), grupo de pesquisa vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e-mail: [csguimaraes@gmail.com](mailto:csguimaraes@gmail.com)

<sup>3</sup> Dissertação defendida em março de 2018 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), posteriormente adaptada para o livro “O comentarista esportivo contemporâneo: novas práticas no rádio de Porto Alegre”.

comprovação de que estes profissionais atuam, sobretudo, influenciados por quatro novas características que marcam o período chamado por *fase do jornalismo esportivo convergente* (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016). São elas: (a) *relação com a audiência criativa*: análise das redes sociais e de que forma se dá este comportamento (se há interação entre comentarista e audiência) e se há uma interação com o ouvinte na veiculação da opinião pelas ondas sonoras; (b) *análise do jogo baseada em dados*: se o comentarista utiliza aplicativos e ferramentas que auxiliam no comentário; (c) *aproximação com o campo do esporte*: se há apropriação de termos específicos e se a análise transcende o simples campo da observação técnica (como, por exemplo, análise tática da partida); (d) *utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo*: se o comentarista presta algum tipo de informação ou de elementos interpretativos na emissão do comentário.

Todavia, ainda que estas características mencionadas sejam utilizadas em maior ou menor grau por estes profissionais, é possível dizer que, embora seja um novo parâmetro para a análise esportiva no rádio, os comentaristas possuem estilos diferentes, com abordagens, enquadramentos e características que geram tais diferenciações. Além disso, a ideia inicial de que o comentarista é o responsável pelo segmento de opinião também sofre impacto quando confrontado com este novo modelo. Salienta-se, portanto, que esse artigo atua sob dois eixos: (a) estabelecer uma categorização dos comentaristas por *estilo* e (b) introduzir uma proposta conceitual compatível com esta nova estrutura, fazendo-se necessário, antes de mais nada, contextualizar o papel do comentarista esportivo no rádio de Porto Alegre.

### **Base teórica e metodologia**

Um estudo inicial, chamado *O comentário esportivo no rádio de Porto Alegre: uma proposta de periodização histórica* (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016), abordou a trajetória do comentarista esportivo no rádio da capital gaúcha. A partir do marco inicial, o início dos anos 1950 até os tempos atuais, estabeleceu-se uma linha do tempo que demarcou pontos de corte que ilustraram as diferenças de características entre cada período. Considera-se este artigo<sup>4</sup> uma primeira abordagem sobre o tema da pesquisa

---

<sup>4</sup> Artigo que foi apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora dentro do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em setembro de 2016.

presente. Neste estudo, verificou-se que há alterações no enfoque que parte dos comentaristas, demarcando os já mencionados pontos de corte. São eles: (a) *fase da crônica esportiva*, do início da década de 1950 até o início dos anos 1970, marcada por uma estrutura narrativa mais próxima da crônica; (b) *fase do jornalismo esportivo*, de meados dos anos 1960 até o início do século 21, em que começa a se destacar o tratamento jornalístico do comentário e (c) *fase do jornalismo esportivo convergente*, da segunda metade da década de 1990 até a atualidade, com consequências da cultura da convergência (JENKINS, 2008).

O trabalho presente tem a intenção de propor um novo modelo conceitual para o comentarista, levando em consideração esta nova configuração, e também categorizar este profissional através do estilo empregado em suas análises. Desta forma, recorre-se a Ferraretto (2007, p.22) para pretender “analisar o rádio do Rio Grande do Sul como empresa em busca de lucro, cuja programação interfere culturalmente na sociedade gaúcha”. Busca-se, logo, na Economia política da comunicação o amparo necessário para compreender estas alterações que caracterizam o momento do comentário esportivo contemporâneo no rádio de Porto Alegre, considerando que as transformações na história das emissoras comerciais seguem uma lógica capitalista, seguindo a linha de Ferraretto (2007, p.15), na qual as opções teórica e metodológica adotadas consideram o rádio como um ramo particular de investimento e reprodução do capital, admitindo uma transição ao plural da ideia *frankfurtiana* de *indústria cultural*. Para Mattelart e Mattelart (2014, p.113), a economia política da comunicação se encaminha para uma reflexão que não versa mais sobre *a* indústria cultural<sup>5</sup>, mas sobre *as* indústrias culturais, tratando-se de penetrar na complexidade dessas diversas vertentes industriais para tentar compreender o processo crescente de valorização das atividades culturais pelo capital, atrelando suas mudanças a finalidades mercadológicas e com uma organização comercial capitalista. Entre as características da Economia política da comunicação, prioriza-se aquilo que Mosco (1996, p.27-38) destaca como a abordagem considerando a *questão da práxis*, ou seja, a relação que se estabelece entre o ser humano e seu entorno, produzindo e transformando o mundo e a si mesmo.

Trata-se, portanto, de ter a convergência como causa que gera consequências nas

---

<sup>5</sup> Adota-se nesta pesquisa o conceito de indústria cultural de Ramón Zallo: “Um conjunto de ramificações, segmentos e atividades industriais produtoras e distribuidoras de mercadorias com conteúdos simbólicos, concebidas por um trabalho criativo, organizadas por um capital que se valoriza e destinadas, finalmente, aos mercados de consumo, com uma função de reprodução ideológica e social”. (ZALLO, 1988, p.26).

práticas profissionais. As consequências são as quatro características que fundamentam o comentarista esportivo contemporâneo (GUIMARÃES, 2018), já mencionadas anteriormente. A utilização ou não destas características geram um novo modelo de comentário, algo abordado como resultado da pesquisa de Guimarães (2018), onde obteve-se, entre outras conclusões, que: (a) o comentário contemporâneo existe, mas não é adotado por todos os profissionais; (b) há conflitos entre as fases. De um lado, profissionais mais antigos acreditam que este modelo pode afastar ouvintes, por considerar o futebol um esporte popular e exigir uma linguagem de fácil assimilação ao público. De outro, profissionais afirmam que é uma tendência irreversível, provocada justamente pela convergência e com as características bem impregnadas; (c) embora se tenha esse novo modelo, é possível afirmar que os comentaristas adotam estilos variados, identificados com outros períodos do radiojornalismo esportivo e (d) ainda é um modelo que requer uma conceituação diferente do que o senso comum atribui ao analista, que é somente um emissor de opinião.

Assim, procura-se apresentar neste artigo de que forma os profissionais no rádio de Porto Alegre atuam sob diferentes estilos e, por fim, atribuir um novo modelo conceitual de comentário esportivo no rádio, a partir destes resultados e com este arcabouço teórico. A metodologia utilizada é a análise de conteúdo, seguindo uma das recomendações de Bardin (2011), em que um dos passos é o da categorização, que consiste em isolar os elementos e classificá-los, impondo certa organização (BARDIN, 2011, p.148). A partir desta proposta de categorização, busca-se apresentar um novo modelo conceitual para o comentarista esportivo no rádio, levando em consideração a história da análise esportiva, as alterações de conteúdos causadas pela cultura da convergência e, por fim, a existência desse novo modelo que surge a partir da fase do jornalismo esportivo convergente (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016).

### **Categorização do comentarista esportivo quanto ao estilo**

Não há um único modelo de comentário possível. Os analistas possuem diferentes formas e variadas abordagens de conteúdo em uma transmissão esportiva. É possível se fazer uma análise tática minuciosa e, ao mesmo tempo, relatar jornalisticamente um evento. É possível fazer um mapeamento sobre o desempenho de uma equipe de futebol com critérios selecionados e, simultaneamente, fazê-la aplicada a um time que este comentarista afirma publicamente torcer. É possível narrar uma crônica e relacioná-la

---

com características que pertencem a este modelo mais recente.

Portanto, sugere-se uma diferenciação dos comentaristas de acordo com o estilo. Esta tipificação é necessária para ampliar o leque e demonstrar as diferentes matizes que dizem respeito a forma e conteúdo. Neste sentido, tem-se, por estilo, a seguinte classificação para os comentaristas esportivos:

(a) *Cronistas*: os primeiros modelos de comentaristas eram influenciados pelos cronistas de jornal (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016). Baseava-se em um relato que romantizava o jogo, aproximando-se mais de uma peça literária do que de uma opinião construída a partir de aspectos jornalísticos e analíticos. Não havia uma hierarquização na forma de expressar o conteúdo, com a ausência de *lides* ou valores-notícias. Marques de Melo (1985, p.111) pondera, entretanto, sobre o uso da palavra crônica, afirmando que, se no Brasil a crônica é tomada como uma feição de relato poético, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária, ao passo em que o mesmo já não ocorre em outros países.

A crônica que se pratica no Brasil a partir da década de 30, tendo em Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos seus principais cultores, representa uma continuação do gênero que Machado de Assis e José de Alencar haviam sedimentado em nosso jornalismo. [...] a crônica de costume se valia do real (fatos ou ideias do momento) simplesmente como “deixa” ou como inspiração para um relato poético ou para uma descrição literária. (MELO, 1985, p.111).

No rádio, foi um gênero mais utilizado nas transmissões do eixo Rio-São Paulo até o final da década de 1960. Um bom exemplo foi a análise feita por Nelson Rodrigues antes da estreia brasileira na Copa de 1958:

Eis a verdade, amigos: - desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. [...] Quero aludir ao que eu poderia chamar de "complexo de vira-latas". Por "complexo de vira-latas" entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo no futebol. [...] Eu vos digo: - o problema do esporte não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender (RODRIGUES, 1993, p.52).

O cronista temia que na Suécia se repetisse o que aconteceu na Copa de 1950, quando a Seleção Brasileira perdeu o Campeonato Mundial para o Uruguai no Estádio do Maracanã. O título do texto era “Complexo de vira-latas<sup>6</sup>”. Ou seja, a previsão de como

---

<sup>6</sup> O termo passou a ser difundido popularmente para descrever, perante determinadas situações, um suposto sentimento de inferioridade do brasileiro.

o Brasil poderia atuar no Mundial de 1958 era uma alegoria produzida por Rodrigues, um texto que evocava o “complexo de vira-latas”. Não era uma análise que previa situações e ações. Foi utilizado no texto o elemento literário, com exageros, figuras de linguagem e aspectos ficcionais. Não há nele intenções jornalísticas ou analíticas. É texto romântico, literário, quase ficcional. Uma visão romântica, que funcionava de forma hegemônica nos primórdios da imprensa nacional (COELHO, 2017, p.18). Com o rádio, não foi diferente. Alcoba López (2005) salienta que o rádio, para construir a estrutura de uma transmissão esportiva, sofreu influências do meio impresso:

[...] o jornalismo esportivo radiofônico está lotado de nomes que surgiram no meio impresso. Esta circunstância influenciou em dar novos ares à informação desportiva radiofônica, ao ponto de empregar linhas editoriais e opinativas não utilizadas até então. (ALCOBA LÓPEZ, 2005, p.170, tradução nossa).

Nos anos 1950 e 1960, era o modelo preponderante, já que não havia tantos recursos para acompanhar uma partida e tampouco tratamento jornalístico para relatar os acontecimentos de um jogo. A partir dos anos 1960, os departamentos esportivos das emissoras brasileiras começaram a se estruturar como uma editoria independente (SOARES, 1994, p.45) e jornalística. As transmissões de rádio, por consequência, passaram por estas alterações, transformando o evento em espetáculo e agregando elementos que configurariam fortemente o radiojornalismo esportivo, possibilitando o surgimento de outros estilos de comentaristas, a partir da *fase do jornalismo esportivo* (FERRARETTO; GUIMARÃES, 2016).

b) *Jornalistas*: é o tipo predominante no rádio brasileiro. Estabelece o juízo de valor processado através de técnicas jornalísticas que participam da emissão do conteúdo. É um comentário organizado, com início, meio e fim. Possui um *lide*, um relato informático e um desfecho coerente. É o clássico comentário vinculado ao *gênero opinativo*. Marques de Melo (1985, p.88-89) propõe uma organização para orientar este estilo:

A angulação do comentário é o imediato. Ver e perceber o que transcende a aparência constitui seu maior desafio. Exige uma permanente sintonização do jornalista que pratica esse gênero com suas fontes de informação [ou, no caso específico, com o objeto em si, que é o jogo de futebol]. Sua técnica de realização é mais livre que o editorial. Estrutura-se em duas partes: a) síntese do fato e enunciação do seu significado e b) argumentação, que sugere o seu julgamento. (MARQUES DE MELO, p.88-89).

Para o acontecimento realizado, a partida de futebol, este estilo assume basicamente uma produção jornalística: uma rota que começa com o fato, passa pela soma da técnica



---

com o juízo de valor e termina na emissão. Faz-se errado, portanto, associar aquele que pratica este estilo a um *cronista esportivo*. É mais justo nomeá-lo um *jornalista esportivo*, termo geralmente associado ao repórter.

No recorte proposto por Guimarães (2018), tomando como base o rádio de Porto Alegre, o *comentarista jornalista*, em geral, não era identificado com Grêmio ou com Internacional. Residia sob a égide de uma suposta neutralidade, adotando tal artifício como uma espécie de proteção para suas práticas<sup>7</sup>. Um exemplo é Lauro Quadros, um dos representantes desta categoria, que resumia a importância que se tinha em não assumir uma preferência clubista: “Considero-me um obsessivo-compulsivo em matéria de imparcialidade, isenção”. (QUADROS apud GUIMARÃES; FERRARETTO, 2017, f.13). Este modelo conformou o comentário esportivo no rádio brasileiro, de certa forma. As análises são fundamentadas a partir de procedimentos jornalísticos.

(c) *Práticos*: categoria formada por profissionais que não passaram pelo jornalismo, mas que, por sua atuação no campo de jogo e nos bastidores do esporte, acabaram por fazer parte da imprensa esportiva. Se a categoria dos *cronistas* é, essencialmente, uma marca do jornalismo impresso, esta, por sua vez, é corrente no jornalismo televisivo. Geralmente, os ex-atletas que assumem lugar na imprensa são destacados para estes papéis por conta de dois quesitos fundamentais: o primeiro deles, é sua representatividade perante o público. O segundo é a escolha por quem tem eloquência e facilidade de se expressar.

Três motivos são fundamentais para que as empresas escolham estes nomes. O primeiro aspecto é a popularidade dos personagens, entendendo que o futebol é um objeto de ampla repercussão mundial. Nomes conhecidos geram audiência. O segundo ponto é quanto à autentificação que um jogador dá ao comentário. O fato de já ter atuado profissionalmente dá um senso de autoridade na fala, que, embora sem a técnica jornalística, é norteadada por um empirismo que passa ao público uma sensação de que “é melhor porque já jogou, enquanto que os jornalistas nunca estiveram lá”. E, o terceiro ponto, é a questão do ídolo. Neste sentido, é possível alicerçar esta hipótese a partir da

---

<sup>7</sup> Para isto, busca-se suporte em Gaye Tuchman (In: TRAQUINA, 1993, p.85), que considera a objetividade um ritual estratégico do jornalista, a diferenciação de notícia objetiva e notícia de análise, considerando que “a notícia de análise implica juízos de valor. A notícia objetiva não pressupõe juízos de valor, sejam eles quais forem”. Para os comentaristas, por exemplo (subjugados às “notícias de análise”, portanto, impregnados de juízos de valor), cria-se um dilema entre “a razão para o seu procedimento e a interpretação que o leitor faz dessa actuação” (TUCHMAN In: TRAQUINA, 1993, p.85).

---

narrativa do herói. É um estímulo ao imaginário, uma recriação da idolatria conquistada no campo de jogo a partir da comunicação de massa:

Os fenômenos de massa como os espetáculos de futebol, não conseguem se sustentar por muito tempo sem a presença de “heróis”, de “ídolos”. São eles que levam as pessoas a se identificarem com aquele evento. São figuras tão importantes que sempre estão presentes no olimpo do espetáculo esportivo, pode haver falta de público, mas não do ídolo e do herói. (RANGEL, 2013, p. 2).

Os *práticos* se caracterizam, portanto, pela origem (o campo de jogo), pelo enfoque (mais prático do que teórico), pela técnica (não possuem técnica jornalística), pelo sentido autenticante para a audiência (sabem mais porque já estiveram lá) e, por fim, por um estímulo ao imaginário do ídolo (algo capitalizado pelas empresas por conta da força deste mito).

(d) *Especialistas*: nesta categoria, incluem-se os observadores de arbitragem, que são especialistas em determinado assunto do jogo. Outro tipo de profissional contratado geralmente em cobertura de outros esportes, além do futebol. Em uma Olimpíada, por exemplo, as emissoras convidam especialistas em vôlei, baquete, tênis e atletismo, por exemplo. Há, ainda, esporádicos eventos de grande porte, como competições de automobilismo e de lutas. Nestes casos, também há a figura de um especialista, que serve para autenticar o produto.

No cotidiano das quatro emissoras que produzem conteúdo esportivo no rádio de Porto Alegre, há, na Rádio Gaúcha, a figura do comentarista de arbitragem. Este posto pertence atualmente a Diori Vasconcellos, que não é um ex-árbitro na prática. Porém, o profissional obteve o certificado de árbitro junto ao quadro da Federação Gaúcha de Futebol (FGF). A lógica que incide sobre o comentarista de arbitragem também impacta quando há uma transmissão de uma outra modalidade. O público brasileiro acompanha, predominantemente, futebol. Em Porto Alegre, no *ambiente Grenal*<sup>8</sup>, em que duas equipes ocupam um lugar de largo destaque e têm suas atividades acompanhadas diariamente, o próprio espaço para o futebol em outras praças já é reduzido. A cobertura de outros esportes é mais escassa ainda. Em um ambiente onde há um predomínio absoluto do futebol, outros esportes são relegados a segundo plano. Desta forma, as emissoras recorrem a especialistas ou a jornalistas que possuem um conhecimento específico de cada modalidade para que, quando há uma transmissão de uma competição

---

<sup>8</sup> Como se denomina a cultura que marca a rivalidade entre os dois grandes clubes de Porto Alegre, o Grêmio Football Porto-alegrense e o Sport Club Internacional.



---

destes esportes, estes sejam colocados no posto de especialistas, bem como acontece com o profissional destacado para analisar a arbitragem.

(e) *Torcedores*: O perfil do comentarista torcedor foi consagrado com o modelo de debates do *Sala de Redação*<sup>9</sup>. Desde seu início, o programa abre participação para debatedores identificados com Grêmio e Internacional. Os mais conhecidos foram Paulo Sant’Ana e Kenny Braga. No atual modelo do programa (mai.2019), o jornalista Duda Garbi e o músico Rafael Malenotti<sup>10</sup> fazem o papel que cabe a um torcedor de Grêmio e Internacional.

O *comentarista-torcedor* se diferencia do *comentarista-jornalista* ou mesmo dos *práticos* justamente por ter como prerrogativa básica a identificação com um clube de futebol. Alguns profissionais que comentam ou comentavam jogos das duas equipes, como Cláudio Cabral e Adroaldo Guerra Filho, identificados com um clube, pertencem a à categoria de comentarista *jornalista* pelo fato de que, no microfone, suas abordagens não eram associadas pelo viés do torcedor. Desta forma, o *comentarista torcedor* funciona muito mais como um debatedor, um defensor dos ideais do clube no microfone, não pertencendo necessariamente à linha de analista de uma partida.

(f) *Analistas*: o modelo mais recente de análise, denominado por Guimarães (2018) como comentarista contemporâneo consiste naquele apoiado por quatro características essenciais: (a) relação com a audiência criativa; (b) análise do jogo baseada em dados; (c) aproximação com o campo do esporte e (d) utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo. Estes quatro vértices apoiam o surgimento de um novo estilo, relacionado à cultura da convergência. Embora os estilos anteriores atuem normalmente no rádio de Porto Alegre, o analista vem ganhando força a partir da consolidação de novas estruturas que desenham o comentário. No caso, os pontos (b) e (c) constituem o *modus operandi* deste estilo.

Dois tipos de análises são fundamentais para considerar esse estilo: a análise tática e a análise de desempenho. A análise tática é um conceito oriundo da abordagem científica do esporte, ou seja, proveniente do campo da Educação Física, consiste em analisar a distribuir a equipe em campo e avaliar os comportamentos individuais e coletivos do time, atribuir resultados às chamadas fases de jogo e verificar qual o sistema tático empregado.

---

<sup>9</sup> Principal mesa-redonda do rádio no Rio Grande do Sul. Programa existente desde 1970, veiculado pela Rádio Gaúcha, na faixa das 13h.

<sup>10</sup> Integrante da banda de rock Acústicos e Valvulados.

Já a análise de desempenho se estende para informações extremamente detalhadas, como posse de bola, mapa de calor (por onde o jogador circula em campo), velocidade média de cada atleta, funcionamento das fases defensiva e ofensiva no jogo, comportamentos individuais, táticos, físicos e até psicológicos de jogadores e a associação da reprodução de padrões das equipes relacionada aos treinamentos da semana (GUIMARÃES, 2018, p.98-99).

A Rádio Gaúcha contratou Gustavo Fogaça para ir ao encontro destes parâmetros. Em 18 de janeiro de 2016, Fogaça foi apresentado como novo parceiro digital da emissora (GUIMARÃES, 2018, p.106). Ele atua como analista de desempenho, licenciado pela CBF e seu ramo de atuação é especialmente o ambiente digital da emissora. A inclusão do comentarista no quadro de funcionários da emissora é um indicativo de como esta demanda aumentou nos últimos tempos. Assim, quando opta pelas análises tática e de desempenho, o comentarista esportivo coloca um pé no jornalismo interpretativo e, ao usar estas informações, para embasar seus posicionamentos a respeito de um jogador, técnico ou mesmo de uma equipe, põe o outro pé no gênero opinativo. Esta fusão de gêneros é fundamental para estabelecer uma nova proposta conceitual para o papel do comentarista na transmissão de futebol.

### **Proposta conceitual para o novo comentarista esportivo**

José Marques de Melo (2010) empregou uma categorização para os gêneros jornalísticos. De acordo com o autor, são existentes os gêneros informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. Assim, usando como base, ainda, considerações a respeito destes gêneros no âmbito do radiofônico (FERRARETTO, 2014, p. 95-98), é possível considerar: (a) o *informativo*, que se limita a narrar o assunto a ser noticiado com o mínimo de detalhes necessários à sua compreensão, sendo dominante no noticiário radiofônico em geral; (b) o *interpretativo*, representando uma ampliação qualitativa do tratamento dos assuntos a serem repassados ao público e procurando, deste modo, situar o ouvinte ao contextualizar a narrativa, aparecendo na formulação de algumas notas e reportagens ou em participações de âncora e de comentaristas, além de programas de entrevistas e mesas-redondas e (c) o *opinativo*, englobando um julgamento próprio (pessoal ou da empresa de radiodifusão) a respeito de um determinado assunto, presente em comentários, editoriais e, não raro, em intervenções dos âncoras e dos próprios ouvintes.

Na classificação dos gêneros jornalísticos, o comentarista é vinculado à opinião, conforme aponta Lucht (In: MARQUES DE MELO; ASSIS, 2010, p.277-278). Entretanto, quando eles apareceram no rádio, atribuía-se a eles a tarefa de explicar as questões táticas e técnicas do jogo, mas a partir do seu ponto de vista, predominando os seus critérios, juízos de valor e observações. Havia, sobretudo, uma influência dos cronistas cariocas, que, como Nelson Rodrigues, enfatizavam o lado romântico do esporte, criavam alegorias e conjecturas, extrapolavam o campo da análise objetiva e descreviam o evento muitas vezes à luz da subjetividade, com artifícios que estimulavam o imaginário do leitor. Com a difusão do esporte enquanto editoria específica, com operação própria e a defesa da especialização e do tratamento jornalístico, este enfoque se alterou. Com isso, houve a própria transformação do comentarista, que hoje possui um âmbito mais plural, seja em estilo, conforme já abordado, ou mesmo em explorar outros recursos que perpassam a simples opinião. Além da diversidade de estilos, o espaço de opinião no rádio brasileiro cresceu conforme a evolução e o aumento de importância das jornadas esportivas. As transformações sociais, tecnológicas e organizacionais impactaram sobre as práticas profissionais dos chamados “homens de opinião” das jornadas esportivas, necessitando-se ampliar o leque do que é o conceito do que é o comentarista esportivo.

Tomando-se como base, inicialmente, um conceito mais amplo, é possível aferir que o comentarista esportivo é, em sua essência, um mediador entre o que ocorre no campo de jogo e, através de sua interpretação, juízos de valor e pontos de vista pessoais, o repasse de uma análise para o espectador:

O comentarista tem a função nobre de explicar e permitir ao torcedor que acompanhe o jogo de uma forma diferenciada. Entre tantas funções importantes, cabe a ele analisar o que aconteceu, o que pode acontecer e antever o que aconteceria numa partida. Analisar com consistência, por exemplo, quando um treinador muda a forma de um time jogar ou quando coloca em campo ou na quadra um determinado jogador. Ver realmente a partida, explicar ao torcedor o que está acontecendo e tentar prever, com a mesma simplicidade, o que ainda vai acontecer. (BARBEIRO; RANGEL, 2015, p.78-79).

Aos longos dos tempos, atribuiu-se ao comentarista o lado da opinião no jogo de futebol. Ferraretto (2014, p.216), por exemplo, define o profissional no rádio como um representante do elemento de opinião, com espaço fixo na programação e, cuja função na transmissão é analisar, considerar, sugerir, opinar e criticar o que está ocorrendo. Já Guerra (2002, p.34) coloca que no rádio o comentarista explica um fato que o ouvinte não

viu e que lhe foi contado em tom emocionado, aproximando-se de uma característica fundamental ao rádio esportivo, que é a emoção. Em geral, os conceitos apresentados dão conta de que o comentarista esportivo é o responsável pela opinião. Mas ele é apenas isto? José Marques de Melo (1985, p.87) define o comentário como um elemento que possui sua própria especificidade enquanto estrutura narrativa do cotidiano. Trata-se de um gênero que mantém vinculação estreita com a atualidade, sendo produzido em cima dos fatos que estão ocorrendo. Vem junto com a própria notícia. Ou seja, é um ponto de vista, alicerçado por uma dose considerável de juízo de valor, a respeito de um determinado fato do cotidiano. No caso do jornalismo esportivo, é um ponto de vista sobre o jogo, que exige um grau de especialização, conhecimento e técnica.

É possível dizer que, assim como no início da função o comentarista esportivo passeava pelo formato da crônica, ele assume hoje outros contornos que o sintonizam com as demandas provocadas por estas transformações. Uma das consequências é a aproximação com o gênero interpretativo:

A consequência direta [destas transformações] é buscar a especialização e o aprimoramento técnico para explicar os detalhes da partida. Trata-se de um processo que aproxima seu resultado – o conteúdo – do que, décadas atrás, Alberto Dines (apud RABAÇA; BARBOSA, 1987, p.346) reivindicava como gênero interpretativo: a possibilidade de ampliação ao serem incluídos elementos como a dimensão comparada, a remissão ao passado, a interligação com outros fatos, a incorporação do fato a uma tendência e a sua projeção para o futuro. Neste sentido, cabe destacar que o conjunto de informações qualificadas faz o gênero interpretativo. (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016, f.11).

A rigor, este conceito aproxima-se do que Ferraretto (2014, p.96) aponta: o gênero interpretativo representa uma ampliação qualitativa do tratamento dos assuntos a serem repassados ao público. Este conjunto de dados existentes e o tratamento dado a ele pode se considerar como a informação que, sem opinar, coloca diante da massa o quadro completo da situação de atualidade (BELTRÃO, 1980, p.50). Com isso, vai-se ao encontro do conceito de análise, que segundo Hidalgo (apud COSTA In: MARQUES DE MELO; ASSIS, 2010, p.67), já é um gênero legitimado. Ele classifica a análise como um “gênero jornalístico autônomo, porque contém características próprias e suficientes para diferenciar-se de outros textos limítrofes, como a crônica, o editorial, o artigo e a coluna”. Cabe salientar, entretanto, que a categoria análise não é considerada como um formato a se enquadrar nas categorias propostas para gêneros jornalísticos (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2010), da mesma forma que não é encaixada em um modo de emissão dos gêneros jornalísticos no rádio (LUCHT In: MARQUES DE MELO; ASSIS, 2010). Estas

categorias foram atualizadas ao longo do tempo e a proposição utilizada (2010) não conta, por exemplo, com o abastecimento de dados para um comentarista, com este ficando, até então, com o único propósito de opinar sobre os fatos.

Desta forma, com diferentes formatos adotados ao longo dos tempos, alterações de predominância de gênero jornalístico adotado em forma e conteúdo e diversidade de estilos, é possível conceituar este novo comentarista esportivo como um *curador dos acontecimentos do jogo, ou o responsável pela tradução destes acontecimentos por diferentes aspectos, com filtro jornalístico que serve como base para sua análise, levando em conta, por fim, seus juízos de valores pessoais (sua opinião)*.

### **Considerações finais**

Um dos resultados apresentados na pesquisa de Guimarães (2018, p.168) foi que “o comentário contemporâneo existe, mas não é adotado por todos os profissionais. Cabe dizer, portanto, que não é um modelo ainda hegemônico”. Ou seja, a figura do analista, categorizado como um dos estilos em vigência, é nova, mas reconhecidamente em atuação. Por esta vinculação que transcende a mera opinião sobre os fatos de uma partida de futebol, fez-se necessário contextualizar o momento que passa a análise esportiva no rádio. O surgimento desse novo estilo também ilustra consideravelmente as diferenças, já que há diversas possibilidades de atuação para um comentarista, ainda que exista um novo modelo. Desta forma, percebe-se que há uma coexistência de estilos dentro de um novo paradigma. No rádio de Porto Alegre, a figura do cronista não é mais presente, mas é possível identificar jornalistas, especialistas, práticos, torcedores e analistas (GUIMARÃES, 2018, p.163-169). Logo, há um espaço que ainda não é tomado por inteiro por um estilo apenas, embora o predomínio seja dos *jornalistas*.

Também é necessário concluir que o modelo do analista é uma tendência a ser considerada, algo que Gustavo Fogaça (apud GUIMARÃES, 2018, p.168) chama de “comentarista 3.0”, que seria a total conformação do modelo do analista, consistindo em buscar uma narrativa que entenda e comunique o jogo através de uma linguagem acessível. Justamente pela existência desse novo estilo houve a motivação de estabelecer uma nova proposta conceitual para o comentarista esportivo no rádio, já que o modelo tradicional, de ser um elemento exclusivo de opinião, sofreu alterações, na medida em que o mesmo atua sob diferentes paradigmas, propostas e atribuições. Assim, redimensionar seu grau de atuação, definindo-o como uma espécie de curador dos

acontecimentos do jogo ou um tradutor dos acontecimentos, com enfoques informativo, interpretativo e opinativo, torna-se mais preciso diante do seu papel na jornada esportiva na fase de convergência.

Mesmo assim, é possível dizer que, como as dinâmicas de produção, distribuição e consumo são rápidas e como esta fase ainda é recente, trata-se de um conceito de transição, não definitivo. É preciso, por fim, identificar de que forma essas estruturas se alterarão com o tempo e com as relações que validam esses processos, como as transformações sociais, políticas, econômicas e, principalmente, tecnológicas. Cabe, portanto, a ressalva de que este trabalho não é definitivo, mas apenas um prosseguimento naquilo que foi adotado em pesquisas anteriores (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016; GUIMARÃES, 2018) e que também serve de estímulo para novas descobertas nessa área.

## REFERÊNCIAS

ALCOBA LÓPEZ, A. **El periodismo deportivo en la sociedad moderna**. Madrid: Ed. Augusto Pila Teleña, 2005.

BARBEIRO, H.; RANGEL, P. **Manual do jornalismo esportivo**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELTRÃO, L. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, ARI, 1980.

FERRARETTO, L.A. **Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20**. Canoas: Editora da Ulbra, 2007.

\_\_\_\_\_. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

GUERRA, M. **Você, ouvinte, é a nossa meta: a importância do rádio no imaginário do torcedor do futebol**. 1.ed. Rio de Janeiro: Etc Editora, 2002. 92p.

GUIMARÃES, C. **O comentarista esportivo contemporâneo: novas práticas no rádio de Porto Alegre**. Curitiba: Appris Editora, 2018.

\_\_\_\_\_. **O comentário esportivo contemporâneo no rádio de Porto Alegre: uma análise das novas práticas profissionais na fase de convergência**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2018.

\_\_\_\_\_; FERRARETTO L.A. O comentário esportivo no rádio de Porto Alegre: uma proposta de periodização histórica. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

\_\_\_\_\_. Lauro Quadros: “É isso aí e mais meio quilo de farofa”. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 11, 2017, São Paulo.. **Anais...** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.



---

MARQUES DE MELO, J. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_; ASSIS, F. de (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MATELLART, A.; MATELLART, M. **História das teorias da comunicação**. 16.ed. São Paulo: Loyola, 2014.

MOSCO, V. **The political economy of communications: rethinking and renewal**. Londres: Sage, 1996.

RODRIGUES, N. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

RABAÇA, C.A.; BARBOSA, G.G. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Ática, 1987.

RANGEL, P. A mídia e a construção do herói esportivo: análise da Revista Placar com Neymar crucificado. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 36, 2013, Manaus. **Anais...** Manaus: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

SOARES, E. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.

ZALLO, R. **Economía de la comunicación y la cultura**. Madri: Akal, 1988.